

**LE BRETON, David.**  
***Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.***  
**Campinas: Papyrus, 2003. 240 p,**

Resenha de  
Maria Ester Oliveira

David Le Breton, antropólogo francês, é um especialista consagrado na área de estudos do corpo. Autor de inúmeros livros sobre o assunto - *Antropologia da dor, Corpo e sociedades, Antropologia do corpo e modernidade, A sociologia do corpo -i*, Le Breton é hoje referência primordial para aqueles que trabalham com a temática do corpo.

*Adeus ao corpo*, sua primeira obra a ser traduzida para o português, faz um apanhado das principais idéias e temáticas acerca das novas tecnologias, suas aplicações ao corpo e as implicações teóricas decorrentes dessas aplicações. O autor traz como elemento de ligação entre os temas o corpo, o *novo modo* de se pensar e se lidar com ele trazido pelas recentes tecnologias e, mais que isso, a idéia da obsolescência e, muitas vezes, o ódio ao corpo. Aborda questões próximas, mas que abrem campos de reflexão particulares, tais como: a fecundação *in vitro*, o Sexo cibernético, a inteligência artificial, o controle farmacológico de si, as "artes corporais", entre outras.

Não é nova a idéia de que o corpo seria uma *prisão para a alma*, uma vez que essa forma de pensar o corpo é bem antiga na tradição ocidental, remontando aos pré-socráticos, a Platão e seu mundo das idéias, às doutrinas gnósticas e sua aversão ao corpo. Mas, nunca antes foi possível pensar numa existência que prescindisse do corpo e, associado a isso, dispor de uma forma para a execução de tal idéia. Mais que qualquer radicalização utópica sobre uma superação da existência corpórea humana, há hoje uma gama imensa de possibilidades de vivências que 'prescindem' do corpo, mais exatamente as experiências no espaço cibernético, em que é possível a criação de vários *eus*, e a partir disso ir além dos limites espaço-temporais definidos pela existência corpórea.

Temas como espaço cibernético suscitam questões como: fim do corpo, vivências extra corpóreas e criação de outros eus. Por outro lado, as discussões

sobre a fecundação *in vitro* e o desenvolvimento de novas técnicas de reprodução remetem a questões como paternidade, maternidade, fabricação de seres humanos, a busca pela perfeição gênica, controle. Muitas dessas temáticas apontam para o desenvolvimento da gestação fora do corpo, possibilitando um controle total do processo, desde a manufatura/fabricação do embrião a ser implantado (a criação do ser perfeito, digno de viver) até o acompanhamento do processo de gestação. Alterações como essas geram o questionamento de elementos estruturantes como maternidade e paternidade, e irá exigir uma reelaboração dos mesmos. Essas definições clássicas são seriamente questionadas, em decorrência das mudanças de papéis e funções engendradas pelas novas tecnologias. Por exemplo, os pais sociais não são mais necessariamente os pais biológicos, embora esse não seja exatamente um cenário novo, visto que a adoção leva exatamente ao mesmo ponto, entretanto, o quadro atual vai além disso, uma vez que toma-se possível que a mulher que gestou o embrião seja geneticamente sua avó!

No primeiro capítulo - 'O corpo como acessório' - o autor trata da transitoriedade da configuração corporal. O corpo deixa de ser visto na sua inteireza e toma-se algo composto por partes descartáveis sempre passíveis de melhoras, alterações, trocas, enfim, torna-se acessório (algo de natureza muito instável, que se altera de acordo com as estações, com a moda). Contudo, paradoxal e simultaneamente, ele se torna a principal representação de nós, do *SER*, a interioridade é posta para fora, constituindo-se externamente através do corpo, assim, passa-se a se julgar por ele, pela representação corporal. Com isso, as alterações corporais assumem o papel de co-modificadores da identidade, uma vez que essas atuam também no imaginário. Um exemplo emblemático da radicalidade que tais modificações assumem são os transexuais, que têm suas "identidades alteradas" pelas modificações corporais a que se submetem.

Outros elementos se apresentam nesse capítulo, como o ódio ao corpo, manifestado através das marcas corporais, que irão funcionar como símbolo de pertencimento a si, posse de si mesmo: e a percepção do corpo enquanto máquina, objeto a ser manipulado, que pode ser vista no 'cultivo de músculos' feito pelos *body buildings*. Na *body art* o corpo apresenta-se como lugar em que o mundo é questionado, espaço destinado às fantasias, às provocações, às intervenções concretas, como fonte e espaço de criação, obra de arte; essas categorias são representadas nas obras de Orlan, artista plástica que tem no

seu corpo sua principal tela, e assim submete-o a várias intervenções cirúrgicas-estéticas, como por exemplo transformar o próprio rosto numa miscelânea de referências: Gioconda, Diana, Psique, Vênus, Europa, etc. Outro modo de percepção do corpo é como parceiro, *alter ego* de onde emanam sensação e sedução, como local de reconquista de si, território a ser explorado.

No segundo capítulo - 'A produção farmacológica de si' -, o autor aborda a busca da regulação do humor através do uso de psicotrópicos. Esse movimento pauta-se por uma tentativa de maior adequação à realidade social, como forma de evitar os conflitos que lhe são inerentes. Outro elemento importante da regulação do humor é o tempo, uma vez que se procura chegar ao estado desejado num dado espaço de tempo, geralmente curto, bem menor do que o que seria necessário para atingi-lo naturalmente, sem intervenções. Essa regulação tem como pressuposto a tentativa de estabelecer uma base estável para lidar com as turbulências do mundo, aliviando assim o esforço de viver, evitando as situações problemáticas, conflituosas da vida. Como emblema dessa corrida temos o Prozac, a droga da felicidade, que simula características desejáveis, o que possibilita uma produção ampla de si indo do corpo ao humor, ao modo de agir, permitindo "não sermos mais nós mesmos para sermos finalmente nós mesmos" (p. 64). Também a sexualidade não escapará de ser regida por essa lógica, o Viagra toma-se a vedete nesse campo, ao possibilitar uma vida *sexual* performática, submetendo seu tempo e duração a uma vontade reguladora. Outras práticas estão ainda englobadas nesse contexto de controle, de modelagem da identidade de si, como o uso de vitaminas, fortificantes, dietéticos. Como elemento base de tudo isso temos o ideal de domínio da suposta vontade onipotente, que se apresenta de maneira bem irônica, uma vez que, ao se entregar aos efeitos reguladores dos psicotrópicos, está-se abdicando da vontade, circunscrevendo-a ao limite da escolha do medicamento X de determinado efeito, previamente definido.

O terceiro capítulo versa sobre 'A manufatura de crianças'. Com o desenvolvimento da técnica de fecundação *in vitro*, configurou-se uma nova forma de procriar, em que quase toda a dimensão simbólica da concepção perdeu-se. Até mesmo os antes 'protagonistas' dessa trama assumem papéis secundários nesse novo modo de *encenar* a geração de vidas. Assim, o homem é reduzido à posição de suporte afetivo da companheira e só figurará simbolicamente através do esperma, e até mesmo a mulher tem seu lugar ameaçado, uma vez que o atual anseio dessa área é a gestação de embriões

fora do corpo, em incubadoras, o que possibilitaria um acompanhamento mais eficiente sobre a nova vida que estará sendo, agora, produzida. Assim a mulher, tal como o homem, se tornaria mera espectadora do processo de geração de seus descendentes.

Para alguns teóricos e feministas, a partir de então seria possível uma igualdade real entre os sexos, uma vez que as mulheres finalmente teriam capacidade de trabalho e disponibilidade igual à dos homens, e estes estariam em condições semelhantes na geração dos seus descendentes. Esse novo quadro põe em xeque a atual configuração da sociedade ocidental no que se refere a progeneridade, maternidade, feminilidade, masculinidade e relação com a criança.

A supremacia da percepção do corpo enquanto mecanismo promoveu uma grande procura por tais técnicas de geração de vidas, porém, a maioria dos casais que recorrem a tais artifícios não são necessariamente estéreis, e poderiam vir a gerar vidas sem o auxílio técnico, uma vez que muitos estão simplesmente inférteis temporariamente. Tal fenômeno evidencia uma ideologia que desconsidera, no processo de fecundação, o papel exercido pelos elementos simbólicos, a "f-...] ambivalência da mulher, do cônjuge, do casal e sua dinâmica afetiva, ignorando a base do desejo inconsciente que urde a fecundidade humana" (p .70), reduzindo tudo a uma conjugação de gametas, que é diagnosticada como um problema, se não ocorre quando se programou para que se concretizasse.

Em decorrência de tais técnicas abre-se uma miríade de possibilidades reprodutivas nem sempre de fácil apreensão. As novas técnicas possibilitam, por exemplo, que mulheres há muito tempo na menopausa gestem filhos, a partir da fecundação dos óvulos de uma doadora. Tal possibilidade não deixa de levantar questionamentos, uma vez que essas candidatas à gestação terão que se submeter a inúmeros tratamentos, sobretudo hormonal, o que pode provocar infartos e acidentes vasculares. Além dos riscos físicos, são perturbadoras as motivações para tal ato, sendo possível perceber por trás desse desejo a nostalgia para com uma feminilidade plena, associada à juventude e à possibilidade de conceber.

Assim como a fantasia de gerar um filho pós-menopausa, outras tantas se apresentam, tais como: a tentativa de produzir vidas a partir somente de óvulos, procurada por casais de lésbicas; a venda de embriões; a formação de catálogos de doadores de material genético: o congelamento de óvulos de

mulheres jovens, para serem usados quando estas decidirem procriar (eliminando os riscos associados à geração de um embrião a partir de material genético velho); a gestação de crianças por virgens; a geração de filhos com o material genético de homens já mortos feita por suas viúvas; o útero de aluguel (mãe gestando filhos para a filha ou nora; irmã para irmão/innã); mãe negra gerando filho branco (para protegê-lo do racismo); a coleta de óvulos em fetos femininos abortados e sua implantação em mulheres estéreis; e a geração de filhos pós-morte.

Além de tudo que já foi explicitado, as novas técnicas de reprodução assistida permitem um controle quase que total do material genético a ser implantado, obtido por meio dos inúmeros testes a que são submetidos os embriões antes de serem considerados aptos a ser gestados. Isso abre a possibilidade de que, num futuro não muito distante, pessoas nascidas com alguma anomalia recorram à justiça contra o Estado, os médicos e até mesmo seus pais, por permitirem seu nascimento, mesmo tendo conhecimento de que esses possuíam alguma disfunção genética ou que seus testes falharam não as detectando.

A principal discussão do capítulo subsequente - 'O corpo como rascunho das ciências da vida' - gira em torno da concepção do homem e dos seres vivos como informação, como uma "soma organizada de mensagem", sendo, dessa maneira, passíveis de 'misturas'. Uma vez que tudo é considerado informação, não há distinção entre os reinos, tomando-se possível associar animais e vegetais a artefatos técnicos. Essa forma de ver o mundo, as coisas, dissolve o sujeito em um feixe de informações portadoras de instruções para o seu desenvolvimento, reduzindo-o ao seu programa genético, o que acaba por derrubar as distinções de valor entre o homem e seus instrumentos, colaborando para o surgimento de uma moral totalmente nova.

Ao reduzir o humano a um mero conjunto de informações, essa ideologia legitima a idéia de que todos os comportamentos humanos são predeterminados pelos genes, popularizando assim a existência do gene da inteligência, da agressividade e tantos outros mais. O gene se toma, então, a mitologia moderna, passando uma sensação de destino, que se impõe, e conseqüentemente da impossibilidade de se fugir dele. O que não passa de um grande equívoco, uma vez que os genes em nada determinam o comportamento dos humanos, mas apenas possuem instruções para o seu desenvolvimento, e mesmo essas não são determinações irrevogáveis, sendo

mais exatamente possibilidades, que dependerão muito de outras condições para se tomarem reais.

Decorrente dessa maneira de entender as coisas, o mundo, há a busca pelo patenteamento e por uma exploração comercial do material genético decifrado pelo projeto Genorna, o que não ocorre sem divergências, uma vez que há um dilema moral na questão, já que esse é um património da humanidade, formando através de anos de evolução.

O mapeamento do genoma humano possibilita detectar predisposições genéticas para certas doenças, o que não representa por si só uma fatalidade, ou seja, não há nenhuma garantia de que essas irão se manifestar. Desse modo, essa possibilidade poderia apenas gerar novas formas de exclusão e discriminação, por parte de planos de saúde, mercado de trabalho, enfim, da sociedade como um todo. já que é possível diagnosticar a probabilidade do sujeito vir a desenvolver determinadas doenças, mas ainda não existem meios para efetuar a cura. Esse cenário permite perceber que o quadro pode evoluir e culminar na segregação e futura extinção dos geneticamente imperfeitos. Então tudo se encaminha para a 'produção' do geneticamente desejável, com a seleção de genes e desligamento de outros. "A imperfeição do corpo conduz a humanidade clássica ao desuso. Exibe-se a vontade de um domínio de sua constituição genética a fim de remodelar sua forma e seus desempenhos" (p. 129-130).

No quinto capítulo - 'O corpo supra numérico do espaço cibernético' -, desenvolve-se a discussão acerca do espaço cibernético enquanto "modo de existência completo, portador de linguagens, culturas e utopias" (p. 141). Nesse espaço a dimensão corporal perde sua importância, deixando assim de impor suas limitações. Livre dos entraves do corpo, o sujeito toma-se pura informação; no reino do 'espírito', o ciberespaço, o sujeito experimenta a multiplicidade de *eus*. uma vez que a "rede favorece a pluralidade de si [oo.] a identidade degenera em manuseio, é uma sucessão de *eus* provisórios, [oo.] o sujeito é uma autorização para a experimentação de possíveis" (p. 146).

Essas vivências geram confusões entre o real e o virtual. dado que, mesmo sendo uma simulação, o espaço cibernético não deixa de proporcionar um sentimento de realidade, já que as percepções são sentidas. Assim, ele se apresenta como uma outra dimensão do real, sendo mobilizador de afetos poderosos. Isto leva seus usuários a se questionarem por que a sua identidade corporal seria mais importante do que qualquer outra que assumem no mundo

virtual. Diante disso não parece exagerada a comparação entre esse universo e o LSD.

Em decorrência dessa informatização há também uma contaminação da linguagem. Ao se utilizar o vocabulário informático para explicar o homem e seu corpo, faz-se uma aproximação entre homens e máquinas (carne - máquina; processos mentais - técnicos), um movimento que humaniza as máquinas e mecaniza os homens. Associado a isso há cada vez mais uma aproximação entre os seres vivos e os artefatos técnicos, e a partir do momento em que estes passam a ser vistos como artefatos possuidores de vida, graças aos avanços da associação da engenharia genética e da inteligência artificial, tem início a discussão acerca dos direitos das máquinas, se elas devem possuí-los e quais seriam eles. "Em um mundo em que a insignificância do homem não pára de crescer, a dignidade e a importância das máquinas adquirem uma dimensão cada vez maior" (p. 160). A partir disso não parece tão fora de propósito a afirmação de que "o próprio mundo tomou-se um universo de ficção científica" (BUKATMAN, 1993 apud LE BRETON, 2003, p. 160)<sup>1</sup>,

No sexto capítulo - "Sexualidade cibernética" - coloca-se em questão o deslocamento da sexualidade do corporal para o virtual. Três elementos saltam nessa discussão: a busca pelo prazer, que se dá de maneira ascética, limpa, ou seja, livre do corpo e suas vicissitudes; o desprezo pelo corpo, por sua imperfeição; e, como emblema disso, o ódio ao corpo feminino. Permeando todas essas questões pode ser vislumbrado o medo do outro, de se expor, de se desnudar e, assim, de se fazer vulnerável.

No tocante ao desprezo pelo corpo, sua imperfeição, há uma retomada de argumentos expostos em capítulos anteriores nos quais o corpo, apesar das inúmeras analogias com as máquinas, é considerado um artefato inferior a essas devido a sua fragilidade e mortalidade, enfim, por estar "destinado à podridão" (CP, 169). É possível observar nesse horror ao corpo um certo ranço puritano.

Em resposta a esses anseios o extremo contemporâneo propõe a eliminação desse corpo, sua conversão em dados. Assim, o sexo toma-se textual, mediado por uma tela. Essa ausência de cantata protege os usuários das vicissitudes que o sexo possibilita (DSTs, gravidez), mas também os

---

<sup>1</sup> BUKATMAN, Scott. *Terminal identity: the virtual subject in post-modern science fiction*, Durham: Duke University Press, 1993.

protege do outro. Nesses *media* eles podem assumir várias identidades e com isso viver livremente suas fantasias, tornando-se assim um local de experimentação em que não há outro: “[...] a sexualidade telemática inventa uma dimensão elegante e pós-moderna do onanismo [...]” (p. 176).

O capítulo sete - 'O corpo como excesso' - retoma o tema, já esboçado no capítulo quatro, da junção do orgânico com o mecânico, citando a obra de Wiener, na qual ele embaralha as fronteiras do vivo e do artificial, na comparação entre estes quanto ao funcionamento (cérebro e computador).

Dessa forma as máquinas têm suas capacidades equiparadas às capacidades dos seres humanos e, de acordo com os teóricos da inteligência artificial, seriam até superiores a estes, e em pouco tempo os superariam, uma vez que não possuem corpo, o qual, segundo essa percepção, não passa de um entrave para a inteligência. Porém, a grande ironia é que a própria existência corpórea é o que faz o homem ser o que é e, ao mesmo tempo, o que impossibilita as máquinas de chegarem ao nível do humano. Já que não processa informações, mas as sente, ou seja, sua apreensão do mundo é sensível, o homem é capaz de executar vários movimentos, sem necessariamente estar comandando-os conscientemente, processando-os no momento da execução como as máquinas. Assim, o corpo, em vez de representar o grande entrave, é a grande singularidade do humano, pois é por meio dele que ocorre a apreensão do mundo; é através de uma existência corporal que se constitui o pensamento e que se dá a construção do conhecimento.

### **Considerações finais**

Para concluir, algumas questões que não ficam claras no decorrer do livro, por possuírem aspectos paradoxais, devem ser resgatadas, tais como: o corpo que, ao mesmo tempo em que representa um entrave, torna-se uma tela para o mundo; o sujeito que passa a *ser* pelo que é corporalmente, cuja identidade confunde-se com seu corpo, ao mesmo tempo em que essa configuração corporal é algo transitório, que deve estar constantemente sendo modificada. Existe um paradoxo evidente nesse argumento, uma vez que o corpo, que é colocado como acessório – ou seja, como algo “que não é fundamental: secundário; [...] suplementar, adicional”, assume o papel de elemento definidor da identidade e de representante do *eu*, do sujeito,

porquanto sua interioridade toma-se agregada a ele. Ao que se pode concluir, então, que a identidade e o próprio *eu* (podem ser considerados elementos distintos?!) não devem mais ser vistos como elementos fixos e pré-determinados, dado que ao se associarem ao corpo, a ponto de se confundirem com este, assumem também o caráter transitório que ele apresenta.

Outra questão interessante é a multiplicidade de *eus* gerados e possibilitados pelo universo cibernético, e o tipo de contato que se estabelece entre indivíduos nessa esfera, inclusive no âmbito sexual, que engloba um elemento importante, que vem a ser além do nojo ao corpo, o medo do outro, do desnudar-se, de se colocar sem máscaras, de entrar em contato com a diferença, com elementos que não são possíveis de controlar, como o mundo real e suas dificuldades, sua porção imprevisível. A geração de outros *eus* no universo cibernético e a busca de um contato sexual ascético, livre dos 'riscos' que o caracterizam - ou, mais fielmente, das possibilidades e necessidades exigidas por esse tipo de contato -, podem ser associadas a um terceiro elemento: a tentativa de controle do humor por reguladores químicos, que possibilita a elaboração de sujeitos adaptados a determinadas situações, ou melhor, programados para agir de modo que não gere conflitos como forma de se proteger dos acontecimentos desagradáveis.

Colocando esses argumentos lado a lado, como num quebra-cabeças, temos um bom perfil do sujeito contemporâneo, que prioriza o corpo como elemento definidor de sua identidade, que se divide em múltiplos *eus* no espaço cibernético, objetivando viver experiências que não seriam possíveis para ele enquanto ente corporal e/ou enquanto sujeito com a identidade pela qual se identifica para os outros. Também é possível vislumbrar o pavor do outro no tocante à sexualidade cibernética, uma vez que há uma busca pelo prazer dissociado dos elementos que tradicionalmente o constituíram, como a necessidade do outro, do desnudar-se e de criar vínculo. Tudo isso pode mostrar uma tendência para a construção de um mundo perfeito, sem conflitos, cada vez mais pautado pelo individualismo; mas seríamos ainda humanos, com os mesmos conflitos que nos caracterizam, ou estaremos prontos para ingressar na realidade pós-humana, para a hibridização com as máquinas?

---

<sup>2</sup> FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 30.